



N.º 55 — LISBOA, 28 DE JANEIRO

2.
ANO
1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois d. publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. || Brazil, anno 52 numeros. 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros. \$500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio. \$100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros. . . 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accéitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua da Almada, 32 e 34

Curta historia de um passageiro que se vinga

(No ascensor da Gloria)



— Tudo cheio.



— Tem aqui um logar ás suas ordens!
— O cavalheiro é muito amavel...



— ... ???



UM TROMBONE DE VARAS E UM PAR...

Ziff! FEZ-ME SUAR...

Presados confrades...

Afinal não foi possível averiguar pelos jornaes os resultados da *tournee* João Franco ao norte do paiz.

Segundo os órgãos affeioados a este illustre estadista, sua excellencia ter-se-ia encontrado diante de um verdadeiro movimento nacional.

Segundo os órgãos que lhe são hostis, sua excellencia teria tido necessidade de bater em retirada, diante de um movimento geral de reprovação.

Segundo uns, o sr. João Franco teria sido levado ao colo.

Segundo outros, sua excellencia teria sido corrido a pontapés.

Segundo uns, as suas reuniões teriam sido concorridissimas.

Segundo outros, teriam estado ás moscas.

Segundo uns, o governo alarmado pela crescente influencia do sr. João Franco, teria posto as tropas de prevenção.

Segundo outros, o governo teria tido necessidade de o fazer proteger pelos seus agentes, contra a ira dos povos.

O facto foi o mesmo. As versões foram o mais contradictorias, e o publico, que não é franquista e não é rotativista, ficou assim sem saber o que pensar da situação politica do sr. João Franco não já junto dos partidos, mas junto do paiz.

E isto porquê?

Porque havendo tantos jornaes, em Portugal não ha um Jornal, e se o paiz, como o affirma o sr. João Franco, é alternativamente ludibrio de progressistas e regeneradores, o publico letrado é succesivamente ludibrio de jornaes regeneradores e progressistas.

Ha, porém, jornaes independentes. Justamente. — O publico é tambem ludibrio dos jornaes independentes.

O jornal progressista tem o seu partido. O jornal regenerador, tambem. — O jornal independente tem todos, e é o mais enganador precisamente por servir a todos parecendo que não serve a nenhum.

Sendo feito para o publico, o jornal não serve comtudo o publico: serve partidos, facções, individuos, in-

fluencias, interesses, caprichos. Não esclarece: obscure. Não informa: deforma.

Pelo jornal, não sabemos nunca o que se passa, mas o que o jornal desejaria que se tivesse passado.

Se elle é progressista, tudo se passou ao sabor do progressismo.

Se regenerador, ao sabor da regeneração.

Se é independente...

Ah! mas se o jornal é independente, é o chaos, porque tudo se terá passado então ao sabor das suas variaveis conveniencias e dos seus inconstantes caprichos.

O jornal partidario é uma taboleta. O jornal independente é uma esquina, onde todos os dias ha um car-taz diferente.

Aqui temos agora a imprensa franquista. Inutil procurar n'ella a Verdade. A verdade da imprensa franquista é uma verdade — franquista.

Para a imprensa regeneradora, bem como para a imprensa progressista, há uma verdade só: a regeneração, o progressismo.

Onde encontrar a Verdade?

Na imprensa independente?

Na imprensa independente, a Verdade muda todos os dias de senhor. — Hoje está ao serviço do governo, amanhã ao serviço da opposição, hoje ao serviço de Deus, amanhã ao serviço do Diabo.

Ao serviço do publico, nunca.

O que a maioria do publico pede ao jornal é impersonalidade. Toda a orthodoxia prejudica o objectivo principal do jornal, que é informar. Como os jornaes partidarios, o jornal independente é orthodoxo, desde o artigo de fundo, faccioso, até á derradeira reclama, apaixonada.

O jornal independente é do ultimo chefe de gabinete, do ultimo dramaturgo, do ultimo banqueiro, do ultimo poeta, do ultimo decreto, do ultimo livro, da ultima valsa.

O jornal partidario, ou o independente, é tão pouco do publico, que quando não é do seu partido, ou do seu capricho, é meramente do seu collaborador. Procura-se um facto e encontra-se a opinião do individuo que nol-o conta. A reportage deixou de ser a activa, mas fria curiosidade ao serviço do publico e passou a ser

a desvairada imaginação. Simplesmente para referir o caso de uma lavadeira atropellada pelo electrico do Principe Real, são duas columnas de paysagem, e um effeito de pôr do sol. O facto em si fica affogado em litteratura. As *interviews* entraram ultimamente na imprensa como uma novidade picante, mas o jornal é de tal maneira pessoal, que, quando ha uma entrevista, quem falla é o entrevistador. O entrevistado, fica callado.

Assim, o publico não sabe nunca pelos jornaes o que se passa.

Chegou ao Porto o sr. João Franco.

Como foi elle recebido?

Era elle aguardado por um grande numero de pessoas?

Foi consideravel o numero de individuos que o acompanhou?

Houve manifestações, pelas quaes nos seja permitido avaliar do seu prestigio na segunda cidade do reino?

Segundo os jornaes sympathicos ao sr. João Franco, a estação estava cheia, trezentos carros o acompanharam, e o enthusiasmo não teve limites. — O sr. João Franco seria o homem d'amanhã.

Segundo os jornaes antipathicos ao sr. João Franco, a estação estava deserta, ouvia-se o ruido de uma mosca, os trens não eram trezentos, não eram duzentos, não eram cem. Em rigor não havia mesmo trens, mas um melancolico *char-à-bancs* de seis logares para todo o franquismo, e, a respeito de enthusiasmo, a desolação, a derrota, a fuga. O sr. João Franco não seria o homem d'amanhã, mas um homem passado, um homem requentado, um homem para voltar para dentro.

Os jornaes são assim.

Todos os jornaes tem partido.

Ha um unico partido que elles não tem: o do Publico.

JOÃO RIMANSO.



Phrases duras

O Sr. Conde de Bertiaandos fez um dia d'estes um discurso na Camara dos Dignos Pares, que lhe tem valido os apoiados da agricultura em peso. Elogiou o trabalho incessante do nosso lavrador, a pertinacia que nestes ultimos tempos tem mostrado em querer, á custa de grandes sacrificios, melhorar as suas culturas. E referiu como elles, cançados de pedirem providencias aos poderes publicos, resolveram vir dar um passeio até Lisboa, para se entenderem de cara com o governo. O governo pediu-lhes que voltassem para suas casas e para o seu trabalho, e ficassem certos de que iam ser satisfeitas todas as suas reclamações... O Parlamento estava a encerrar-se, mas promettia pedir uma larga auctorisação que lhe consentisse tomar essas providencias no interregno parlamentar. Os lavradores voltaram para o campo, o governo obtve a auctorisação tão larga quanto a quiz, e tudo ficou como d'antes.

Se elle, orador, tivesse a phrase dura, chamaria a isto ludibrio. Não lhe chamaria porém coisa alguma, para não offender ninguem. E concluiu:

—«O paiz que aprecie, e diga como se ha de chamar a este procedimento...»

Neste proposito, apressámo-nos em abrir uma subscrição de phrases duras, que traduzam o pensamento do paiz.

Eis o resultado que obtivemos até á hora do nosso jornal entrar na machina:

O procedimento do governo não tem classificação. E', simplesmente, inclassificavel. Não se classifica.

MAGALHÃES LIMA.

Tinha-se visto tudo. Tinha-se experimentado tudo. Todas as provações, todas as humilhações. Nunca se chegára, porém, a este ponto. Isto excede tudo. Isto suplanta tudo. Todas as provações, todas as humilhações. E' um governo condemnado. E' necessario liquida-lo.

FRANÇA BORGES.

Nós não admittimos distincções entre os partidos monarchicos. Progressistas, regeneradores—é tudo a mesmissima coisa. Nós só conhecemos um partido, e esse é o Partido da Republica. Aos outros fazemos precisamente o mesmo que elles têm feito aos dois erarios: — confundimo-los.

JOÃO DE MENEZES.

Estão contentes com elle? Também nós. Não estão contentes? Também nós não. Ha quem se arrogue importancia bastante para encaminhar a opinião publica a respeito de go-

vernos. Nós, não. Nós pensámos sempre que o mais ajuizado, em materia de critica de governos, é seguir a opinião publica... — quando somos nós que a formamos.

MARIANNO DE CARVALHO.

23 de Janeiro:
Positivamente o governo está pôdre.

EMYGDIO NAVARRO.

24 de Janeiro:
O *Tempo*, no seu artigo de hoje, dá a entender que o governo tem os seus dias contados. Parece-nos bem que a areia terá de correr muito ainda na ampulheta do collega antes que a sua previsão se realice. Nunca o governo teve, como neste momento, tão indiscutíveis condições de larga vida.

EMYGDIO NAVARRO.

A viagem do Sr. Conselheiro João Franco ao norte do paiz deu nos esta certeza: o governo está completa, integralmente desprestigiado. Hoje, podemos já afirmar — que o poder é nosso. A agricultura que se anime: os nossos primeiros cuidados voltar-se-hão para ella.

MARTINS DE CARVALHO.

**A formiga e a cigarra**

Por não ser nada bizarra,
Por que só o lucro adora,
Disse a formiga á cigarra;
— Castaste? pois dança agora.

A cigarra, ao escutar
Esta phrase pouco amiga,
Entrou por'hí a cantar,
E deu mais graça á cantiga.

Entrou a correr a fama
Com todos os seus caprichos;
'Té que a cigarra foi dama
Em um theatro de bichos.

Muitas palmas, muitos louros,
Como era justo e convinha;
E eil-a já livre de agouros
De recorrer á esmolinha.

Dizem até que a cigarra,
Indo de aldeia em aldeia,
Cantou ao som da guitarra
E arranhou bom pé de meia.

Começa dura chuvada
Logo ao entrar do janeiro,
E a formiga desgraçada
Vê alagado o celloiro.

Vae ter co'a cigarra e diz:
— Se tens alma bemfeitora,
Olha que sou infeliz,
Vê se me vales agora!

Sabem que fez a cigarra?...
Deu-lhe um sopapo sem mão:
Valeu-lhe, como bizarra,
E deu-lhe bella lição.

Do conto o que se advinha
Sem pensamentos subis?
— Que a jovial cigarrinha,
Não se vingou como os vis.

Passez au gulchet...

Diz o correspondente de Paris para o *Diario de Noticias*, a respeito de um artigo que appareceu no *Figaro* sobre as propostas de fazenda do Sr. Teixeira de Sousa:

«O articulista refere-se á influencia que exercerá sobre o cambio a medida proposta para o pagamento de 50 % em ouro nos direitos aduaneiros, que fornecerá ao Estado a quantidade de ouro necessario para o serviço do coupon no Estrangeiro; insere e louva as medidas tendentes á amortisação da divida do Thesouro ao Banco de Portugal, á redução da circulação fiduciaria, ao augmento da reserva metálica, e termina por um elogio ao illustre estadista pelo seu manifesto desejo de imprimir á administração dos dinheiros publicos uma direcção das mais severas, tendentes a reconstituir as finanças portuguezas».

Um raio nos parta — para nos servirmos de uma expressão que é muito do Sr. Ministro da Fazenda — se toda a receita bruta resultante do alargamento da área de Lisboa, durante estes dois annos mais chegados, der para pagar o custo d'aquelle artigo no *Figaro!*

**Suelto venatorio**

Consta ás *Novidades* que haverá brevemente duas grandes caçadas, para as quaes serão convidadas algumas altas personalidades — e adquiridas varias peças de caça.

**A evasiva parlamentar**

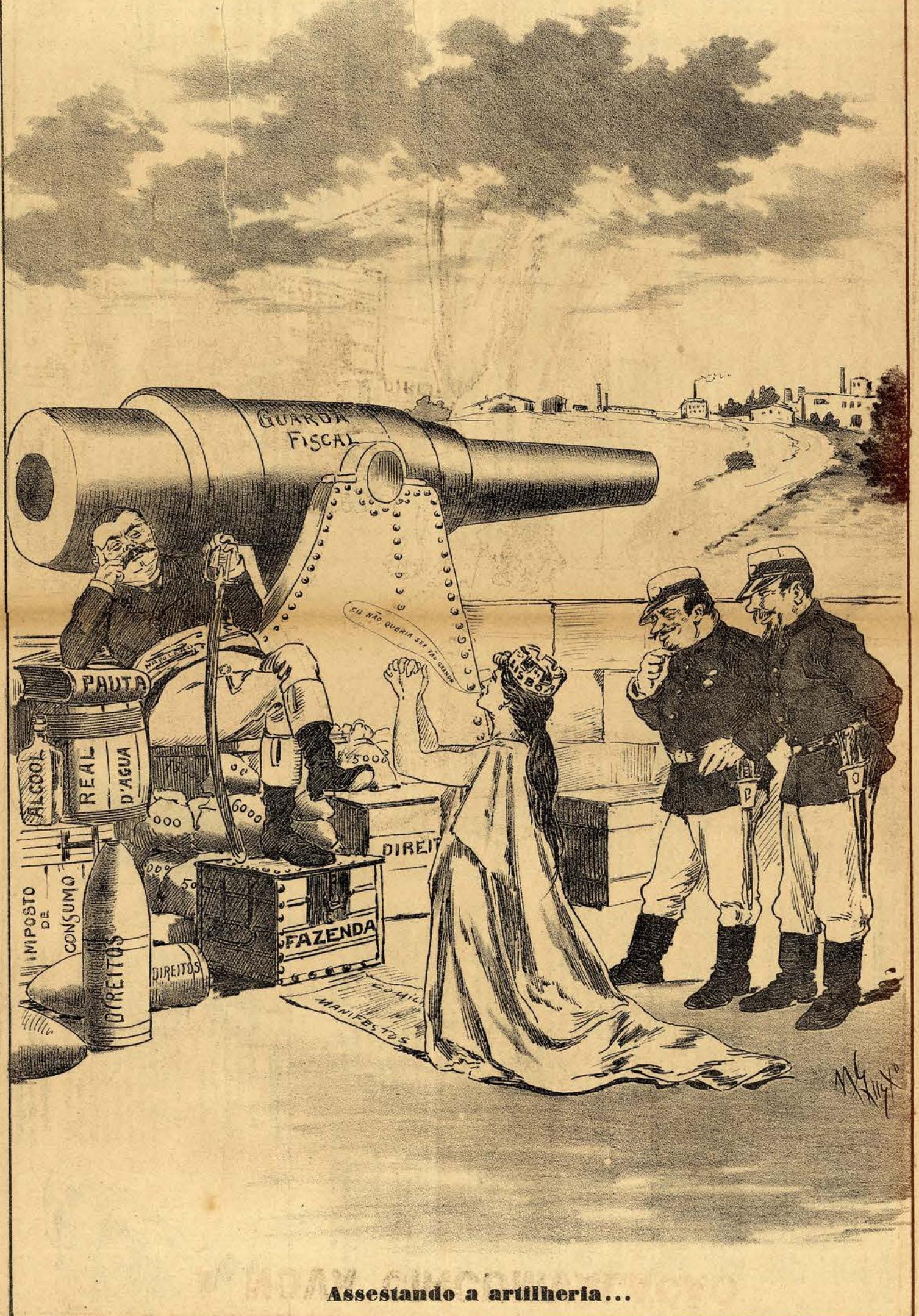
Na Camara dos Deputados, o Sr. André de Freitas instou pela necessidade de se fazer a ligação da Ilha do Fayal com a Ilha das Flores, por meio d'um cabo telegraphico, esperando da rasgada iniciativa ministerial que este melhoramento se realisaria com urgencia.

O Sr. Presidente do Conselho, respondendo ao illustre deputado, historiou as difficuldades que houve para que a amarração do cabo telegraphico se fizesse nas Flores, e declarou que o governo estuda o assumpto, esperando que as difficuldades possam ser removidas por meio da telegraphia sem fios...

O Sr. André de Freitas, saindo fóra de si, muito pallido:

— «Eu tenho a prevenir V. Ex.^a de que não admitto chuchadeiras, nem de V. Ex.^a, nem de ninguem!»

A NOVA CIRCUMVALAÇÃO



Assestando a artilheria...

Este estado de coisas

Meu Zé que em tons expressivos
Cantas á sombra da parra,
Olha com olhos bem vivos
Porque não faltam motivos
Para essa tua guitarra.

Vae barulho na cidade
P'la carestia do pão,
Engorda quem é abbadé ;
E cáe o Carmo e a Trindade
Co'a tal circumvalação.

De petição o direito
Encambichou d'esta vez ;
E pelo novo preceito,
O pedinte está sujeito
A ser larapio, talvez.

Direito de reunião
Tambem lá foi no embrulho,
Porque da lancha o patrão,
Apezar de ser Sansão
Tem muito medo ao barulho.

Da nossa moeda rara,
Querem o toque abaixar ;
E impingir-nos á má cara,
A' luz do sol sempre clara,
O que melhor lhes calhar.

Dizem folhas linguadeiras
Que ha revolta na Guiné
Por causa de brincadeiras ;
E que reúnem fileiras,
As pretas do burrié.

Entre tanto solavanco
Em que marcha o carro torto,
Eu solto um alegre arranco
Porque o nosso João Franco
Ovações teve no Porto !

Nobres almas portuguezas,
Não creiam no José Dias,
Bom pregador de espertezas,
Porque o Franco nas franquezas
E' que é o nosso Messias.

Canta em phrases expressivas,
O' meu Zé do coração,
Mas não entres a dar vivas
Porque vães p'ra o cagarão.

MALAQUIAS, MULHER & FILHOS.

**Publicações a pedido**

de varias familias

... Sr. Redactor :

Que a infinita bondade de V. me consinta o recorrer eu a ella mais uma vez para que no espirito publico se faça luz sobre a eterna questão de se não dar ao veterinario o logar que lhe é devido no conceito dos seus semelhantes.

Isto vem a proposito de uma piada que ouvimos num dos actos da comedia *O outro sexo*, agora em scena no Theatro do Gymnasio, piada com que uma das personagens pretende metter a ridiculo um medico, chamando-lhe «veterinario».

V. não ignora que o veterinario, para o ser, tem de fazer um curso superior de cinco annos, em que se professam as mesmas doutrinas, com todo o desinvoltamento que as sciencias medicas têm hoje, concluindo-o pela apresentação e defesa de uma these sobre assumpto de medicina ou cirurgia, em tudo analogamente ao que se pratica nas escolas de medicina humana.

V. não desconhece tambem a nobresa e difficuldades da nossa profissão nem a importancia social do medico veterinario, como factor da riqueza pecuaria e como higienista do homem.

Por tudo isto, pois, o que eu desejo sollicitar da bondade de V. é que, no seu popularissimo e graciosissimo jornal, tome a peito a tarefa de esclarecer o espirito publico a respeito da classe a que muito me préso de pertencer, de cada vez que algum dos naturaes clientes d'ella, mal agradecido, se lembre de a desprestigiár.

Creia-me, Sr. Redactor,
Etc. etc.

X...

Uma boa parelha

Na Camara alta, um orador comparou a receita e a despeza publica a dois cavallos : um, que segue a trote pela estrada da desventura, após outro que vae galopando na frente ; se o de traz galopa tambem, e se aproxima do de diante, este espanta-se e fôge á desfilada.

A' desfilada, e aos coices—que são os addicionaes !

**Ser ministro**

Padre Nosso a quem rendo muitas graças,
Se mereço castigo de peccados,
Dá-me duzias de callos aggravados...
Mas ministro parvonio não me façás !

A pasta sustentar com mão possante
Entre esta luza, palradora malta,
E' um tormento atroz... que até faz falta
N'aquelle inferno que inventou o Dante !

Ministrô parvonez jámais descança ;
Se pretende curar as nossas chagas,
Logo arrebenta esse paiol de pragas
Dos aprendizes, mestres na finança !

No meio d'este horror, que pintó á broxa,
São do alcapão um Franco denodado,
Que não receia ser esborrachado
Como acontece ás vezes á carocha !

Grande Franco, de coc'ras te saúdo !
Tu és, não tem que vêr, novo Messias
Que appareces na terra das fatias,
Verdadeiro endireita d'isto tudo !

Affrontado vaes ser da imprensa grulha
Se tirares a alguem os seus conchegos ;
Mas, matando e mania dos empregos,
Terás marmorea estatua na Pampulha !

Consuma, nobre heroe, o sacrificio,
Que a patria te consagra arcos de buxo,
E acceita esta canção que desembucho,
Promettendo-te fogo d'artificio !

FRAN-CACIO.

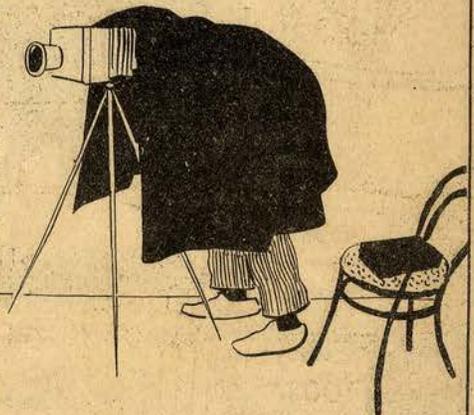
**Assucar refinado**

Pronunciam-se os viticultores contra a proposta do Sr. Teixeira de Souza para a cultura do assucar.

Um d'elles, escamadissimo, escreveu num jornal :

«Se em um paiz como a França, em que a viticultura tem uma larga e valiosa representação no parlamento, succedem factos como os que temos exposto, o que succederá entre nós, onde o parlamento é quasi que composto de funcionarios publicos, embora muitissimo conspicuos, a quem o que mais interessa é a melhoria das respectivas situações ?»

Ha verdades que, por mais assucar que se lhes misture, ficam sempre amargas.



Reformas por uma pá velha !

Vão-se mudar essas normas
Antigas de governar :
Reformas e mais reformas
E' o que eu oiço cantar.

Elle é nos da militança,
Elle é nas coisas da armada...
Temos que vêr uma dança,
Que seja bem ensaiada !

P'los modos tudo anda tórto ;
A escripta nunca sáe limpa...
E os homemsinhos do Porto
Já levantaram a grimpá !

E quando o Porto se engrila,
E mostra focinho duro,
E' tal como cão de fila
Ladrando em cima do muro !

Oh ! Pae do céo ! p'lo que vejo,
Tudo cheirando a batota...
Este nosso realajo
Não dava certa uma nota !

E o Zé, o pobre diabo,
Furos abaixo das bestas,
Sentindo fome de rabo
E a pagar todas as festas !...

Venha a reforma ; e ligeira,
E feita com fino caco,
Pra que o sôr Dias Ferreira
Metta a viola no sacco.

Venha !... senão o João Franco,
Patriótico Mavorte,
Com seu rhetorico arranco
Assanha as hydras do norte !

Venha !... e traga boas normas
A par d'uma nobre audacia...
Não se diga que as reformas,
São obras de Santa Engracia !



Bric-à-Brac

Guerra ao mogno ! Gloria ao páo
santo !

O movel antigo é a moda, e quem
quizer vestir-se bem,—perdão ! quem
quizer mobilar-se bem, deve mobilar-
se á antiga.

E' então mais do que uma moda :
é uma paixão — a paixão do *bric-à-
brac*, e justamente eis aqui que nos
salões da *Liquidadora Universal*, ás
Portas de Santo Antão, se acaba de
inaugurar uma rica e preciosa colle-
cção de moveis antigos, tapeçarias,
pannos d'Arraz, colchas persas, vel-
ludos raros, biscuits de Sévres, bron-
zes, faianças, Saxes, ou seja o Cos-
mos, um cosmos archeologico, onde
os irmãos Leaes souberam pôr o má-
ximo de belleza e de equilibrio.

A exposição da *Liquidadora Uni-
versal* é hoje verdadeiramente o *ren-
dez-vous des gourmets* do mobiliario
antigo e artistico.



CAPAS

DA
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

Estão á venda em Lisboa no escri-
ptorio da administração, Rua do
Gremio Luzitano 66, 1.º—E no Porto
no estabelecimento do sr. Arnaldo
Soares.



**Companhia Real dos Caminhos de Ferro
Portuguezes**

AVISO AO PUBLICO

Faz-se publico que desde 15 de janeiro de 1904, serão vendidos bilhetes directos de todas as classes, em serviço combinado, entre as linhas do Sul e Sueste e as da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, quer pela via Barreiro-Lisboa, quer pela via Vendas Novas-Setúbal.

Serão igualmente accetites expedições de toda a especie em grande e pequena velocidade por qualquer das duas vias, pelos preços das tarifas geraes ou especies mais baratas, ap. licave s a cada percurso.

São, entretanto, exceptuados dos transportes pela via Barreiro-Lisboa, os seguintes :
Cães, vehiculos em grande velocidade, transportes funebre, touros, animaes não domesticos, material circulante, r. torno de taras vasias, mercadorias a granel, volumes de peso até 10 kilos expedidos pelas tarifas n.º 8 de grande velocidade de ambas as Administrações e todos e quaesquer transportes de ou para o Ramal de Cascaes.

Marcellino Mesquita

UMA ANECDOTA

Episodio dramatico

Preço 200 reis

Requisições a Carlos Martins — Rua do
Gremio Luzitano, 66, 1.º

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos
Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 220—Endereço telephónico *Papetylo*

PAPELARIA Grande sortimento de pa- deis nacionaes e estrangei- ros, objectos para desenho e todos os artigos p. cecios nas escolas.	TYPOGRAPHIA Trabalhos typographicos em todos os generos Impressões a côres, ou ro, prata e sobre setim.
---	--

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

Capa d'A COMEDIA PORTUGUEZA

A côres e dourada

PREÇO 600 RÉIS

Encadernação 200 réis

Porte do correio: 40 réis

Colleção do 1.º anno

ENCADERNADA

Preço 2\$400 réis

Vende-se na rua do Gremio Luzi-
tano, 66, 1.º

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Extirpações sem dor de todos os
callos, serviços antisepticos,
etc. Cura radical de unhas en-
cravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

**MOLDURAS E MOVEIS
DOURADOS**

A ouro fino, continuam-se a fabricar em todos os esty-
los, por preços modicos.

Espelhos molduras e galerias.

Mezas de phantasia douradas em diversos gostos.

Galerias douradas a 800 réis.

Baguettes nacional para molduras e galerias: qualida-
de e preço rivalisam com a estrangeira.

Estampas e oleographias, bom sortimento e verdade-
de muito barato, porque vem directamen-
te á nossa casa : todos os artigos acima mencionados e
muitos outros do que diz respeito á arte de dourador, se
encontram á venda na officina e deposito de moveis dour-
rados de Joaquim Antonio Pereira.

273, Rua da Rosa, 275

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa

de fabrico e

concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

POR 600 RÉIS

Ser photographo !

Apparelho completo com accessorios, livro explicati-
vo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis
provincia 650 réis.

Pezir catalogo illustrado. Capas para a encaderna-
ção d'os *Parodias*, 1.º, 2.º e 3.º anno. Emplate 200 réis.

Alves & Ferreira

220, Rua Augusta, 222



Os celebres gabões d'Aveiro
Não ha em Portugal quem venda
mais barato e mais bem feito
do que o

JOSÉ CLEMENTE
51—Rua da Escola Polytechnica—55

ENCADERNAÇÃO

Simple e de luxo, cartonagens, dourados em fita pa-
ra cordas e em toda a qualidade de pelles. Casa premia-
da em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

UM ERRO JUDICIARIO



—Tambem eu fui viciima de um erro judiciario... Fui absolvido uma vez.